

ANDORINHAS DO ABSTRATO: AMOR, TEMPO E DESTINO NO CONTO
“SE EU SERIA PERSONAGEM”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Amanda Teixeira da Silva¹

O Fortuna

velut luna

statu variabilis,

semper crescis

aut decrescis;

vita detestabilis

nunc obdurat

et tunc curat

ludo mentis aciem,

egestatem,

potestatem

*dissolvit ut glaciem.*²



A Roda da Fortuna. Decalque de Miniatura do *Hortus Deliciarum* de Herrade de Landsberg. Paris: Bibliothèqure Nationale de France (Dept. Estampes Ad 144 a). Disponível no site da Editora Mandruvá: <http://www.hottopos.com/convenit5/08.htm>. Acesso em 11 de junho de 2010.

A imagem que ilustra o início deste artigo e a cano acerca da “Fortuna” pretendem servir como base para pensar sobre a crença num destino inexorável. Ao longo do texto ficará mais nítida a idéia de que a fé na interferência da Providência Divina  o que sustenta a narrativa de “Se eu seria personagem”, um dos contos que

¹ Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Mestranda em História pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Bolsista Capes/Reuni.

²  Fortuna,/ tal a Lua,/ uma forma variável!/ Sempre enchendo/ Ou encolhendo;/  que vida execrável!/ Pouco duras,/ Quando curas/ De nossa mente as mazelas;/ A pobreza,/ A riqueza,/ Tu derretes ou congelas. Cano e traduo disponíveis em: <http://www.hottopos.com/convenit5/08.htm>. Acesso em 3 de junho de 2010.

constituem *Tutaméia – terceiras estórias*³. O conto aqui analisado trata de um homem que perde a amada para o amigo, Titolívio Sérvulo. Titolívio apresenta Orlanda ao narrador do conto advertindo que a considera “feia, frívola, antipática...” (ROSA, 2001, p. 199). Porém, depois de algum tempo, o narrador enamora-se pela moça e, por ser tímido, guarda em silêncio seu amor. Eis que, coincidentemente, Titolívio (ou simplesmente “T.”) começa também a notar a presença de Orlanda com outros olhos, reparando que ela é “boa, fina, elegante” (Ibidem, p. 200). Enquanto um amava Orlanda, o outro, T., a queria apenas para “namorico, o ilícito” (Ibidem, p. 200). Passado o tempo, T. efetivamente se enamora de Orlanda e proclama sua paixão aos quatro ventos, enquanto o amigo continua a segredar o sentimento guardado. T. ia “do mito ao fato” (Ibidem, p. 201): resolvera desposar Orlanda. O amigo continuou a observar tudo calado, pensando: “Noiva e de outro, Orlanda? Então ela não era a minha, era a de T. então” e passa a coadunar “nula raiva com esperança incógnita” (Ibidem, p. 202). O rapaz sofre bastante até que o amigo apaixona-se repentinamente por outra mulher “certa a de Titolívio Sérvulo, a ele de antemão destinada” (Ibidem, p. 202). E Orlanda, finalmente, veio ao narrador, “da vida sem idéia nem começo” (Ibidem, p. 203).

“Titolívio”, evidentemente, é um nome que alude ao autor de *Ab urbe condita*, o historiador romano Tito Lívio (cerca de 60 a.C. – 17 d.C.), conhecido por ter tentado realizar a façanha de contar ao longo de 142 livros (dos quais apenas 35 são hoje conhecidos) a história de Roma desde a sua fundação. Interessante é notar certa peculiaridade da obra de Tito Lívio: em seu livro nono, o autor sugere circunstâncias em que Alexandre, o Grande, poderia ter sido derrotado; com isso, escreve uma história alternativa, indicando não somente o que ocorreu, mas o que poderia ter ocorrido. Segundo Aristóteles, essa não é função da história, mas da poesia. Portanto, a história escrita por Tito Lívio carrega uma especificidade poética que dialoga com o texto de Guimarães Rosa. A estória de “Titolívio Sérvulo”, por sua vez, não prossegue como se havia imaginado desde o início e, desta maneira, pode-se desenhar uma história alternativa, em que o amigo de T. conquista Orlanda.

Como defende Ana Carolina Teixeira Pinto,

³ O conto foi publicado anteriormente no periódico “Pulso”, em 5 de março de 1966.

O nome deste remete ao historiador romano Tito Lívio que ficou famoso pelo seu estilo inovador. Sua história era escrita revelando sua parcialidade, questionando personalidades importantes, enfatizando acontecimentos cotidianos e não tendo a preocupação da veracidade dos dados. A história contada por ele não escondia seu caráter de estória, ou seja, sua abertura ficcional. (PINTO⁴, 2009)

Com efeito, Collingwood afirma que Tito Lívio “exprime muito debilmente as pretensões científicas de sua obra. Não reivindica qualquer investigação nem qualquer método originais” (COLLINGWOOD, s/d, p. 53). A partir do artigo de Ana Pinto, nota-se mais uma vez a importância do par estória-história na narrativa de João Guimarães Rosa. A autora da passagem supracitada faz uma crítica bastante incisiva a Tio Lívio, mas também demonstra que a discussão acerca do ficcional e do verossímil é constante nas entrelinhas da obra do escritor mineiro. Ela afirma ainda ter notado na obra rosiana “a grande quantidade de vezes que as palavras história e estória são encontradas. Em *Grande Sertão Veredas*, por exemplo, estória aparece 24 vezes e história 11 vezes”. (PINTO, 2009)

O sobrenome de Titolívio, por sua vez, traz mais dados sobre o conto aqui estudado. “Sérvulo” é o diminutivo de “servo”. Mas a quem Titolívio serviria? Ora, o rei que levantou a primeira muralha de Roma chamava-se, coincidentemente, “Sérvio Túlio”. Antes de ser rei, havia sido escravo (portanto, “servo”). Além de dividir a sociedade em cinco classes que deveriam enviar soldados para compor o exército, Sérvio Túlio introduziu o culto à deusa “Fortuna”⁵, aquela que distribui a felicidade e a desgraça, a boa e a má sorte. Assim, partindo da onomástica rosiana já é possível perceber que o conto tem como aspectos centrais certos elementos da história romana, bem como as voltas que a Roda da Fortuna costuma dar.

Collingwood esclarece que o romano antigo

⁴ PINTO, Ana Carolina Teixeira. “*Se Eu Fosse Eu*: uma leitura de ‘Se Eu Seria Personagem’”. In: *Ómnibus*: revista intercultural del mundo hispanohablante, nº 27, julho de 2009. Disponível em: <http://www.omni-bus.com/n27/eu.html>. Não há numeração de páginas. De agora em diante, as referências ao texto de Ana Carolina T. Pinto trarão apenas o sobrenome da autora e o ano da publicação.

⁵ De acordo com Costa e Zierer, “o termo parece ser uma evolução de duas diferentes deusas antigas, provindas da cultura greco-romana, *Fors* (“a que traz”, relacionada ao conceito de *providência*) e *Fortuna* (ligada à fertilidade, à agricultura e às mulheres). Esta última tinha traços similares à *Tyche*, deusa grega associada ao acaso e à sorte. Em algum momento, a distinção entre *Fors* e *Fortuna* diminuiu com a criação de uma única deusa, *Fors (Fortuna)*, herdando as noções de sorte, destino e acaso de suas predecessoras. Existiam pelo menos três templos dedicados à deusa *Fors* em Roma e um festival lhe era dedicado em 24 de junho”. Cf. <http://www.hottopos.com/convenit5/08.htm>. Acesso em 3 de junho de 2010.

Já não se considera senhor do seu destino, no sentido de que aquilo que procura fazer se realiza ou se malogra, em proporção com a sua inteligência ou a sua falta dela. O destino é que é o seu senhor, manifestando-se a liberdade da vontade humana não pelo domínio dos acontecimentos exteriores da sua vida, mas pelo domínio da disposição com que o homem enfrenta esses acontecimentos. (COLLINGWOOD, s/d, p 50).

O cristianismo é herdeiro dessa crença na necessidade de aceitar os acontecimentos. Na *Consolação da Filosofia*⁶ de Boécio, por exemplo, a Fortuna aparece como alegoria e o “acaso” cristão, regido pela providência divina, traz à tona a idéia de que as voltas da Roda da Fortuna são necessárias e conduzidas por Deus. Não se deve ir contra os acontecimentos, pois eles fazem parte de um plano maior, que os homens não podem compreender sozinhos.

Voltando a pensar sobre a relação deste conto com a historiografia romana percebemos dois dados relativos ao personagem Titolívio que o ligam a características de Sérvio Túlio: a crença na sorte irremediável e a distribuição dos personagens em diferentes classes de guerreiros. É preciso atentar para o fato de o narrador apontar, desde o início do texto, para termos próprios da hierarquia militar. Já no segundo parágrafo, afirma ser “soldadesca de algum general” (ROSA, 2001, p. 199). Posteriormente, diz que concentrava sua energia passional e pulsante, “de bom guerreiro” (Ibidem, p. 200). Mais à frente, indaga: “quanto eu não dava, alferes⁷, para ter Orlanda?”. A partir de então passa a citar sua “arma” e o “general”: “E tugi-nem-mugi, nisso eu não tendo voto; só emoção, calada como uma baioneta⁸. Tive-me. O general dispõe.” (Ibidem, p. 201). O narrador não podia ir contra as ordens porque “A hora se fazia pelo deve & haver dos astros, não aliás e talvez. Tanto sabe é quem

⁶ Rosa possuía o livro “A consolação da filosofia”. Cf. SPERBER, 1976, p. 167. Segundo Sávio Campos, “no seu cárcere a espera da morte, Boécio parece se desesperar e lamenta a sua sorte. Só encontra consolo no seu estoicismo cristianizado, que lhe apregoa a existência de um Deus, ser perfeito e governador do mundo”. Para o filósofo, “de fato, parece impossível que um universo tão bem ordenado, seja conduzido somente pelo acaso”. (Cf. CAMPOS, 2009, disponível em <http://brasilfranciscano.blogspot.com/2009/08/liberdade-e-vontade-em-boecio.html>. Acesso em 3 de junho de 2010).

⁷ Alferes: Termo antigo. Designa a patente de oficial abaixo de tenente (segundo-tenente). Cf. Dicionário Houaiss.

⁸ Segundo o Dicionário Aurélio, “baioneta calada” é a que está armada na boca do fuzil, mosquetão, etc. O Dicionário Houaiss indica que é utilizada por soldados de infantaria em combates corpo a corpo.

manda; e fino o mandante” (Idibem, p. 202). Finalmente, quando se une a Orlanda, afirma que “tem-se de a algum general render continência” (Ibidem, p. 203).

Todas essas passagens estão ligadas à idéia do combate, do duelo que se trava entre os dois amigos por causa de Orlanda. Cada um dos rapazes age com as estratégias e armas que lhes são próprias. Se Titolívio era “réu de grandes dotes faladores”, (Ibidem, p. 199), o narrador, por ser tímido, só pôde usar a seu favor o próprio silêncio. A princípio parece extraordinário que um rapaz enamorado consiga observar calado o desenrolar da paixão de seu amigo pela amada Orlanda. Para compreender essa atitude do narrador é preciso fazer uma pequena digressão à filosofia oriental e à regra da ação pela não-ação, o *wu wei*.

Guimarães Rosa, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, afirmou que seu

(...) interesse, sincero, pela imensa e imedida individualidade de Vargas, motivava-se também no querer achar, em sã hipótese, se era por dom congênito, ou de maneira adquirida mediante estudo e adestramento, que ele praticava o *wu wei* - "não-interferência", a norma da fecunda inação e repassado não-esforço de intuição — passivo agente a servir-se das excessivas forças em torno e delas recebendo tudo pois "por acréscimo". (ROSA⁹, 1967)

Assim, o próprio autor nos explica o que seria o *wu wei*, a prática de não-interferência, a ação pela não-ação que parecia, segundo seu discurso, ser empregada por Getúlio Vargas. O ministro João Neves da Fontoura, no entanto, afirmou que Vargas era “apenas um fatalista de sorte...”. É possível perceber, através dessa passagem, que a prática do *wu wei* e a simples entrega ao fado, ao destino, podem facilmente ser confundidos.

Segundo Francis Utéza, autor que estudou a influência das tradições esotéricas do Oriente e do Ocidente em *Grande Sertão: Veredas*, o taoísmo chinês defende que “o homem, elemento do Todo que o engloba, só tem poder (...) na medida em que as suas

⁹ O discurso de posse proferido por Guimarães Rosa em 16 de novembro de 1967 está disponível no site da Academia Brasileira de Letras: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=685&sid=96>. Acesso em 11 de junho de 2010.

ações acompanham o movimento do universo, ou seja, quando se integram no Tao” (UTÉZA, 1994, p. 43). É importante deixar claro que o *wu wei* não é apenas uma omissão perante a vida, mas uma prática consciente, é a “fecunda inação”, uma condição de repouso que não é jamais atingida sem esforço.

Guimarães Rosa declarou em carta ao tradutor italiano sua admiração pelo Tao: “Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff - com Cristo principalmente” (ROSA & BIZZARRI, 2003, p. 90). Conheçamos, portanto, ao menos o capítulo 73 do *Tao te ching* ou *Livro do caminho perfeito*, que aconselha *que os homens sigam o seu curso*:

A coragem impelida pela inquietação conduz à morte. A coragem contida e cautelosa conduz à vida. Dessas duas coragens uma é benéfica, a outra maléfica. Por quê? Por que algumas coisas são chamadas pelo Céu e outras rejeitadas? O sábio tudo observa com prudência e dificilmente toma uma atitude enérgica. O mandamento do caminho do Céu é de não intervir positivamente. Vencer sem lutar. Obedecer sem ordenar. Fazer vir sem apelar. Convencer sem falar. A teia do Céu é infinita. Suas malhas são largas e ninguém delas escapa. (LAO TSÉ, 2008, p.137)

Ou seja, a coragem contida, a “energia de bom guerreiro” acumulada não é covardia, mas sabedoria. “A teia do Céu” é infinita e ninguém escapa aos seus desígnios. O início da leitura indica a possibilidade de haver no conto aqui analisado um guerreiro que consegue praticar o *wu wei*. É possível afirmar que o narrador aqui estudado integra o grupo de personagens descritas por Liporaci “como espiritualmente mais avançadas, aquelas que se portam com resignação e fé diante daquilo que a providência lhes reserva” (Liporaci, 2008, p. 50).

Partindo dessa citação, devemos começar a pensar sobre a concepção cristã de providência e relacioná-la aos termos da hierarquia militar utilizados no conto, que evidenciam a personificação de um general que ordena e de soldados que cumprem. A crença na existência dessa ação realizada graças a um “general” se assemelha àquela que deposita as esperanças nas ações da Providência Divina, segundo a qual Deus se encarrega dos acontecimentos, cabendo aos homens apenas aceitá-los mesmo sem entender seus motivos, pois “da vida, sabe-se: o que a ostra percebe do mar e do

rochedo” (ROSA, 2001, p. 201). No conto “Retábulo de São Nunca” também há um versículo do Livro de Lucas sobre esse tema: “Servi inutiles sumus: quod debuimus fecere, fecimus¹⁰” (ROSA, 2001, p. 306). O narrador de “Se eu seria personagem”, por sua vez, afirma: “vou ao que me há de vir, só, próprio” (ROSA, 2001, p. 201). Depreende-se então que neste texto está implícita a idéia de que Deus proverá aquilo que deve pertencer aos humanos, e que estes não precisam se preocupar ou agir para que os eventos se desenrolem.

Evidentemente, essa crença é diametralmente oposta à noção de “sujeito histórico”. Seguindo José Carlos Reis em suas constatações sobre as modalidades de evasão do tempo, acredito que dentre outros modos de fuga da temporalidade encontrados nas narrativas de Guimarães Rosa, o religioso é o mais freqüente. José Carlos Reis o caracteriza da seguinte maneira: “os eventos descontínuos expressariam a vontade de Deus, e, como presença de Deus, teriam uma continuidade, teriam sentido e seriam reais. Deus intervém (...) constantemente na história, revelando a sua vontade por meio dos eventos” (REIS, 1994, p. 150).

José Carlos Reis afirma que o monoteísmo,

(...) fundado sobre a revelação direta e pessoal da divindade, salvou o tempo, valorizou os eventos, a história. A revelação se deu no tempo e não fora dele (...). Os sofrimentos devem ser tolerados, pois são a vontade de Deus. A história não aparece mais como repetição infinita, mas, diretamente controlada por Deus, é uma seqüência de teofanias positivas e negativas, cada uma com seu valor de evento: singular e irreversível. (REIS, 1994, p. 150)

Essa crença na interferência divina não se aplica somente à história de um povo, mas também às histórias pessoais. Como afirma Newton Bignotto em seu ensaio intitulado *O círculo e a linha*, “os pensadores medievais (...) não acreditavam que o sentido de nossa história pudesse vir de nossos atos particulares”. (BIGNOTTO, 2006, p. 177). Da mesma forma, Guimarães Rosa grifou uma passagem de Ouspensky¹¹ que dizia o seguinte: “All our life is based on this illusion. We always think that we are

¹⁰O décimo versículo do capítulo 17 do livro de Lucas recomenda: “Assim também vocês: quando tiverem cumprido tudo o que lhes mandarem fazer, digam: ‘Somos empregados inúteis, fizemos o que devíamos fazer’”.

¹¹ Matemático, escritor, jornalista e místico russo que viveu entre 1878 e 1947. Dedicou-se a pesquisar a existência de uma quarta dimensão.

doing when, in reality, we are not doing anything – everything happens¹²” (Cf. DI AXOX, 2009, p. 47). O escritor repetiu essa idéia em carta ao tradutor alemão, onde afirmou que em sua *Weltanschauung*¹³, “as coisas ‘acontecem’, ninguém ‘faz’ nada, só pensa que faz” (ROSA & MEYER-CLASON, 2003, p. 242).

Embora as concepções de tempo do cristianismo estejam ligadas a duas modalidades temporais (a sagrada e a profana), nos contos de Rosa ambas parecem estar amalgamadas. Não existem em seus textos acontecimentos que estejam desligados do sagrado: o universo ficcional do autor é totalmente sacralizado. Todos os eventos são epifanias que levarão ao contato com o eterno. Existem, nos enredos rosianos, diversas tradições e crenças dissolvidas. Heloísa Vilhena de Araújo já mencionou essa peculiaridade da obra de Rosa em seu estudo “O Espelho” que busca encontrar nos contos de Primeiras Estórias “certo helenismo cristianizado ou em via de cristianização” (ARAÚJO, 1998, p. 13). O próprio Guimarães Rosa nunca afirmou seguir somente uma tradição: “Posso bem ser cristão de confissão sertanista, mas também pode ser que eu seja taoísta à maneira de Cordisburgo, ou um pagão crente à la Tolstói” (ROSA *apud* LORENZ, 1973, p. 349)

Deve-se notar no conto certa referência à influência dos astros (indicada mais acima, quando o narrador se refere ao “deve & haver” dos astros). Ela nos faz recordar que é indispensável levar em conta a importância conferida por Guimarães Rosa ao pensamento de Ruysbroeck¹⁴. O escritor mineiro admirava o místico flamengo e chegou a incluir epígrafes de Ruysbroeck em seu “Corpo de Baile”¹⁵. Segundo Ruysbroeck, “os

¹² Ou seja, “Toda a nossa vida é baseada nessa ilusão. Nós sempre pensamos que estamos fazendo quando, na verdade, não estamos fazendo coisa alguma – tudo acontece”. A informação acerca deste grifo vem de Chiara di Axox, autora de dissertação sobre o misticismo na vida e na obra de Guimarães Rosa.

¹³ Termo que significa “visão do mundo”, em alemão.

¹⁴ Jan van Ruysbroeck é um místico belga que viveu entre o final do século XIII e meados do século XIV. Foi ordenado sacerdote em 1317 e aos cinquenta anos retirou-se para a floresta e passou a viver como ermitão. Criou um mosteiro e uma comunidade em torno do local. Ruysbroeck era procurado por aqueles que buscavam orientação espiritual. Em 1908 (coincidentemente, ano em que Guimarães Rosa nasceu), Ruysbroeck foi beatificado pela Igreja Católica. Escreveu, dentre outras obras, “O Adorno das Bodas Espirituais”, “O Espelho da Salvação Eterna” e “O Livro dos Sete Claustros”. Foram encontrados na biblioteca de Guimarães Rosa alguns livros do eremita; o escritor mineiro usou vários trechos de “O Anel ou a Pedra Brilhante” nas epígrafes de “Corpo de Baile”.

¹⁵ Heloísa De Vilhena Araújo descobriu certa chave de leitura de “Corpo de Baile” que indicava que cada um dos setes contos da obra correspondia a um planeta. É importante lembrar que a tradição clássica definia o Sol, Júpiter, Marte, Mercúrio, Vênus, Saturno e a Lua como planetas. Além disso, “segundo a concepção dos antigos, os sete planetas giram em torno da Terra” (Araújo, 1992, p. 12), produzindo assim uma música (como defendia Pitágoras) e dançando como se o universo fosse um balé. Talvez por isso a obra tenha esse título, “Corpo de Baile”.

planetas regem e governam a vida sensível nos animais e nos homens” (ARAÚJO, 1996, p. 386). Mais: o autor belga defende que todos possuem uma vida eterna, “razoável”, que nos foi dada por Deus e uma vida mortal, que está submetida à influência do curso dos planetas (que agem sobre os homens obedecendo a ordens divinas):

Compreendem, agora, quem são os filhos segundo a natureza? São todos aqueles que estão submetidos aos elementos e permanecem sob a influência do curso dos céus e dos planetas; mas os filhos que nasceram de Deus dominam a natureza e estão livres destas influências dos céus e dos planetas, e todas as coisas lhe estão submissas. (RUYSBROECK *apud* ARAÚJO, 1999, p. 389).

O privilégio de não ser regido pelos astros é dado apenas àqueles que conseguem se afastar da vida terrena, os iniciados. Não é o caso do protagonista de “Se eu seria personagem” cujas atitudes parecem incluir conhecimentos tanto da filosofia oriental (taoísmo) quanto da tradição cristã, com fortes influências romanas. Essas mesmas influências permeavam, como sabemos, a obra de Rosa, que acreditava também na astrologia, como pode-se depreender de carta enviada ao amigo Pedro Barbosa: “achamos que você deve vir por aqui (Paris) em fim de abril. Pegar o vapor em 15 de abril, ou avião a 27 de abril, boas datas astrológicas” (ROSA *apud* DI AXOX, 2009, p. 22).

Segundo Benedito Nunes, Cícero escreveu, em um dos seus diálogos, a visão do cosmo descrita em sonho por Scipião Africano a um de seus descendentes:

O céu dividido em orbes, do mais baixo ao mais alto, todos girando em círculo e transportando estrelas e planetas; no último está a Lua, abaixo da qual, sobre a Terra, tudo é perecível, enquanto acima da Lua, no mais alto dos céus, região do verdadeiro ser que nunca muda, tudo é eterno. (NUNES, 1998, p. 137)

Dessa maneira, o tempo seria um reflexo ou imagem movente da eternidade, tendo sido criado para ligar os movimentos e as mudanças do mundo sublunar à imobilidade do supralunar. Para os gregos, tudo o que advém da ação do homem é mortal (Ibidem, pp. 137-138), portanto, para aliar-se ao deífico e entrever a luz do

eterno, é necessário não agir, entregar-se à torrente do divino, como faz o narrador do conto de Guimarães Rosa.

Aparecem neste texto diversas referências ao tempo. Ana Carolina Pinto adverte:

Note-se que na trama, após ser apresentado pelo narrador, Titolívio passa a ser chamado apenas pela inicial de seu nome, T. É pertinente lembrar que a mesma letra T usada para referir-se ao personagem Titolívio também é empregada para designar o tempo com o único diferencial de este ser em minúscula, t. "O tempo é que é a matéria do entendimento", ou seja, só o tempo permite o afastamento necessário para interpretar, ler os acontecimentos. (PINTO, 2009)

Figuram no texto múltiplos e tenebrosos calendários e relógios, que lembram a terrível proximidade do casamento de Titolívio e Orlanda. O narrador explica que prefere esperar a agir, pois acredita ser “destinatário de algum amor” e sabe que “o tempo é que é a matéria do entendimento” (ROSA, 2001, p. 201). Assegura que T., pensando no casamento, se sentia “regozijado com o relógio” (Ibidem, p. 201). Afirma que sofria ao pensar em “Orlanda e uma data – o tempo, *t*?” (Ibidem, p. 202). Certamente “*t*” ainda era uma interrogação: será que o tempo faria de Orlanda a esposa de “T”? Ou seria ela a mulher “de antemão destinada” (Ibidem, p. 202) ao narrador?

A fé na força do destino encontra-se em toda a obra de Guimarães Rosa e mesmo em detalhes de sua vida pessoal. Da escolha do editor de sua obra na Alemanha ao casamento com Aracy Moebius de Carvalho¹⁶, passando pelo convite para assumir o cargo de chefe de gabinete de João Neves da Fontoura: tudo, para Rosa, fora regido pelo destino. Afirmou a Gunter Lorenz, por exemplo: “penso desta forma: cada homem tem seu lugar no mundo e no tempo que lhe é concedido. Sua tarefa nunca é maior que sua capacidade para poder cumpri-la” (ROSA *apud* LORENZ p. 330). Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, três dias antes de morrer, ele afirmou que “As coisas estão amarradinhas é em Deus”, lembrando ditado proferido por suas duas avós.

Por conseguinte, é possível observar neste conto (e talvez mesmo na vida de Guimarães Rosa) um modo religioso de evasão do tempo. O escritor mineiro demonstra

¹⁶ Em anotação que fizera “pensando em Ara”, Guimarães Rosa escreveu: “os outros eu conheci por ocioso acaso. A ti vim encontrar porque era preciso” Cf. MINÉ; CAVALCANTE, 2008, p. 443

em “Se eu seria personagem” uma noção que a historiografia romana de Políbio, por exemplo, já apresentava, aquela que afirma ser necessário aprender a suportar o que a sorte nos traz. Collingwood assevera que a concepção de sorte “assume grande importância dentro dessa concepção de história, dando-lhe um novo elemento de determinismo” (COLLINGWOOD, s/d, p. 50). No entanto, a tradição romana não é a única a figurar no conto, já que “a historiografia medieval (...) é – em certo sentido – uma continuação da historiografia helenística e romana” (Ibidem, p. 73). Guimarães Rosa empreende neste conto, mais uma vez, uma reafirmação do eterno e do divino e, para isso, apresenta nas entrelinhas de seu texto ideias de historiadores antigos e medievais que, como ele, fugiram do peso da temporalidade. No entanto, talvez seja possível afirmar, a partir da análise deste conto, que Guimarães Rosa é mais refém da história do que imagina. A impressão que se segue à leitura é a de que o autor não nega o valor da historiografia e da filosofia da história, mas a relevância dada pelos historiadores de meados do século XX à ação humana, em detrimento das ações do destino, das Moiras, da Fortuna ou de Deus.

Referências bibliográficas:

ARAUJO, Heloísa Vilhena de. *A Raiz da Alma*. São Paulo: Edusp, 1992

_____. *O Espelho: contribuição ao estudo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1998.

_____. *O Roteiro de Deus: dois ensaios sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1996.

Bíblia Sagrada – Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

BIGNOTTO, Newton. “O círculo e a linha”. In: NOVAIS, Adauto (org). *Tempo e história*. São Paulo: Cia das Letras/Secretaria Municipal da Cultura, 2006.

BIZARRI, Edoardo. *J. G. Rosa: correspondência com seu tradutor italiano*. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1981.

CAMPOS, Sávio Laet de Barros. *Liberdade e vontade em Boécio*. Disponível em: <http://brasilfranciscano.blogspot.com/2009/08/liberdade-e-vontade-em-boecio.html>. Acesso em 3 de junho de 2010.

COLLINGWOOD, R. G. *A ideia de História*. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

COSTA, Ricardo da; ZIERER, Adriana. *Boécio e Ramon Llull: A Roda da Fortuna, princípio e fim dos homens*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit5/08.htm>. Acesso em 3 de junho de 2010.

DI AXOX, Chiara de Oliveira Carvalho Casagrande. *Sob o Tapatrava de Guimarães Rosa: o misticismo na vida e na obra de Joãozito*. 2009. 115 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica d'Orléans de Janeiro.

LAO TSÉ. *Tao té ching: o livro do caminho perfeito*. São Paulo: Editora Pensamento, 2008.

LIPORACI, Vanessa Chiconeli. *A Providência nos interstícios das histórias rosianas*. 2008. 104 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (Campus de Araraquara).

LORENZ, Günter. *Diálogo com a América Latina*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.

MEYER-CLASON, Curt. *J. G. Rosa: correspondência com seu tradutor alemão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Minas Gerais: Editora da UFMG, 2003.

MINÉ, Elza; CAVALCANTE, Neuma. “Memória da leitura e rememoração da viagem: cartas de João Guimarães Rosa para Aracy de Carvalho Guimarães Rosa”. In: FANTINI, Marli (org.). *A poética migrante de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NUNES, Benedito. *Crivo de papel*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

PINTO, Ana Carolina Teixeira. “Se Eu Fosse Eu : uma leitura de ‘Se Eu Seria Personagem’”. In: *Ómnibus*: revista intercultural del mundo hispanohablante, n 27, julho de 2009. Disponível em: <http://www.omni-bus.com/n27/eu.html>.

REIS, José Carlos. *Tempo, História e Evasão*. Campinas: Papyrus, 1994.

RODRIGUES, Camila. *Mãos Vazias e Pássaros Voando: memória, invenção e não-história em “Tutaméia, Terceiras Estórias”*, de João Guimarães Rosa. 2009. 146 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ROSA, João Guimarães. Discurso de posse proferido em 16 de novembro de 1967. Disponível no site da Academia Brasileira de Letras: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=685&sid=96>. Acesso em 11 de junho de 2010.

_____. *Estas Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Tutaméia - Terceiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa*. Duas Cidades: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

UTÉZA, Francis. *JGR: Metafísica do Grande Sertão*. São Paulo: Edusp, 1995.